

A clínica como política de resistência da vida

Regina Neri

Políticas do Desejo: Anti-Édipo ou Anti-Psicanálise?

Para Foucault (2004), a psicanálise foi a prática e a teoria que operou um questionamento fundamental acerca da posição sagrada do sujeito como núcleo do conhecimento e da verdade estabelecida no pensamento ocidental desde Descartes, apontando assim para a subversão operada pelo discurso psicanalítico. Ao deslocar o sujeito da consciência para o inconsciente, Freud formula o psiquismo não mais como um aparelho de conhecimento e sim como uma máquina desejante, cujo imperativo é a busca do prazer, afirmando, desse modo, uma política do desejo.

O pensamento de Deleuze, Guattari e Foucault, por caminhos singulares, assinala na contemporaneidade uma ruptura definitiva com pontos de vista metafísicos sobre o sujeito e o sexo. Ao pensarem a subjetividade como máquinas de produção desejante ou formas de subjetivação que se produzem em um jogo incessante entre poderes, formações discursivas e agenciamentos libidinais, esses autores vêm questionar a presença de coordenadas representacionais universalizantes na teoria do desejo na psicanálise.

Meio século distancia essas obras, cujas diferenças ganhariam mais sendo analisadas não em termos de oposição e sim em termos de um agenciamento que reverbere a potência subversiva desses respectivos discursos.

Nessa perspectiva, consideramos a psicanálise como uma produção discursiva cuja contribuição teórica adviria do fato de se constituir como um discurso que tenta dar conta de questões emergentes do seu tempo – a crise do sujeito

clássico da razão, a crise das identidades fixas que marcam a modernidade. A obra freudiana apresenta-se como um texto atravessado pela lógica do paradoxo, constituindo-se numa tensão discursiva entre o questionamento do projeto iluminista do sujeito da razão e a tentativa de restaurar uma certa racionalidade nesse inconsciente disruptivo por ela enunciado.

O Anti-Édipo, produção discursiva sobre os processo de subjetivação e cultura da contemporaneidade, pode ser pensado como uma avaliação genealógica sobre as potencialidades e os limites do deslocamento operado pela psicanálise no que concerne à problemática de uma política do desejo. Em que medida a teoria psicanalítica da subjetivação e do desejo não estaria ainda referida à concepção de verdade e fundamento? Discurso de afirmação do desejo ou de captura do desejo em coordenadas representacionais universalizantes?

Em sua crítica contundente ao inconsciente atrelado ao Édipo, à falta e à castração, “máquina de captura do desejo que estaria cassando a possibilidade de relacionamentos maquínicos do desejo como um devir outro que aquele determinado pelo seu discurso”, Deleuze e Guattari realizam uma defesa ética e estética do inconsciente, um sistema aberto que quer sempre mais conexões e a partir do qual produzem-se fluxos de inconsciente num campo social e histórico (Orlandi, 1995, p.185).

A interlocução permanente de Foucault e de Deleuze e Guattari com a obra freudiana vem testemunhar sobre seu estatuto de “texto transdiscursivo”, “fundador de discursividades”¹. Buscando inserir o discurso psicanalítico na discussão sobre as novas formas de subjetivação, pretendemos com a retomada desse debate promover novos devires para a teoria e a prática psicanalítica na atualidade.

Agenciamento Pulsão / Máquina desejante

Na perspectiva de “agenciamento de conceitos que se interligam em sua história, seu devir e suas conexões presentes” (Deleuze e Guattari, 1992, p.31), no qual o conceito é apresentado como atualização de um certo campo problemático através de agenciamentos sempre em vias de se fazer, desfazer,

¹ Formulação de Foucault no texto “Qu’ est-ce qu’ un auteur?” In: Dits et Écrits, vol 1, p. 832.

refazer, propomo-nos a uma tentativa de agenciamento pulsão / máquina desejante e corpo erógeno / corpo sem órgãos, pela qual buscamos pensar a diferença, não em termos de comparação, oposição, e sim como ressonâncias, faíscas, visando à potencialização dessas respectivas formulações.

Como revela Deleuze em uma entrevista concedida a “l’Arc”, o Anti-Édipo tem com a psicanálise uma interlocução privilegiada :

Eu só trabalhava nos conceitos da psicanálise, e, ainda, timidamente. Guattari me falou daquilo a que já chamava as máquinas desejantes, toda uma concepção teórica e prática do inconsciente máquina, inconsciente esquizofrênico (...) Mas com o seu inconsciente-máquina, ele falava ainda em termos de estrutura, de significante, de phallus, etc. (...) Eu pensava que isso iria ainda melhor se encontrássemos os conceitos adequados (...) e renunciássemos a noções como estrutura, simbólico ou significante (Deleuze, 1972, p. 47-48).

Referindo-se à revolução operada por Freud ao apontar a dimensão criadora da pulsão, Guattari afirma: “Para mim não há uma distinção entre inconsciente e pulsão, mas uma relação de imanência entre a pulsão e o inconsciente” (Guattari, *apud* Da Costa e Gondar, 1995, p.102).

Essas afirmações de Deleuze e Guattari deixam entrever a presença dos conceitos de inconsciente e de pulsão no horizonte do inconsciente maquínico do Anti-Édipo. Em que medida poderíamos considerar as formulações de máquina desejante e de corpo sem órgãos como novas potências conceituais expressivas e interrogativas do texto freudiano, que possibilitariam a esses autores se desvencilharem das noções de estrutura, simbólico e significante, para pensar o inconsciente como agenciamento maquínico de fluxos ?

O conceito de pulsão ocupa um lugar determinante na obra freudiana e se faz presente no primeiro esboço metapsicológico (1895), no qual o psiquismo inconsciente é pensado em termos de dispêndio de energias, constituindo-se como um circuito pulsional que visa dar um destino a uma força-pressão que exige satisfação. Se, pouco a pouco, o aspecto qualitativo, a representação, ganha terreno, em 1920 o excesso pulsional retorna com a formulação da pulsão de

morte sem representação, assinalando os limites do sujeito da representação inconsciente determinado pelo complexo fálico-edípico, que ensejava uma aposta da captura da pulsão pela representação (Birman, 1996).

Tal como em Nietzsche, segundo o qual toda pulsão se insere numa trama de confrontação de forças, onde se instituem como figurações de intensidades energéticas (Giacóia Junior, 1995), a idéia de um conflito de forças se faz presente ao longo de toda a obra freudiana, sendo objeto de sucessivas teorias.

Há na economia de Freud uma teoria das forças pensadas sob dois aspectos: livre e ligada, ponto de vista inseparável da obra de Freud desde os primeiros trabalhos. O ponto de vista econômico é o que mais aproxima Freud de Nietzsche e Deleuze, privilegiando o inconsciente a partir das forças que o compõem, propondo uma teoria do inconsciente atravessada de fio a pavio pelas intensidades pulsionais (Bruno, 2004, p.136-37).

Trata-se no Anti- Édipo de formular uma concepção imanente das sínteses do inconsciente, à medida que o inconsciente, atrelado à representação e ao significante, encontrava-se incapaz de pensar o plural e o múltiplo (Orlandi, 1995, p.151). Nessa visão produtivista do inconsciente, Deleuze e Guattari efetuariam “uma transposição do conceito de pulsão para o de máquina desejante”, as máquinas desejantes operando como “substitutos esquizoanalíticos das pulsões psicanalíticas no Anti-Édipo” (ibid., p. 179).

Eliminando a redução do desejo ao problema da falta e da representação, o inconsciente produtivo é formulado no Anti- Édipo como uma máquina desejante de agenciamento contínuo de fluxos e cortes (seio-boca).

*Em toda parte são máquinas com seus acoplamentos e conexões (...)
Há sempre uma máquina produtora de um fluxo e uma outra que lhe é ligada, operando um corte, na extração de fluxo (o seio – a boca). O desejo não cessa de efetuar acoplamentos de fluxos contínuos e de objetos parciais, essencialmente fragmentários e fragmentados (Deleuze e Guattari, 1976, p.20).*

No Projeto para uma psicologia científica (1895), Freud, ao destacar o ponto de vista da circulação de quantidades de energia, apresenta o aparelho

psíquico como resultante de um processamento de quantidades de excitação que lhe atravessam, ou seja, um aparato de agenciamento de fluxos :

Não se trata de um aparelho organicista nem de um aparelho mental, mas de um aparelho de prazer, desprazer e angústia, que visa a obtenção de uma satisfação, o prazer sendo equivalente para Freud de uma descarga energética (David- Ménard, 1983, p.10).

A pulsão é definida como uma pressão da qual o organismo não pode escapar, o psiquismo se constituindo como um circuito pulsional que visa dar um destino a essa pressão que exige satisfação. Em função do desamparo da criança, esse circuito só pode se constituir na relação com o outro, e é a partir dessa experiência de prazer de acoplamento da boca do bebê com o seio que se inaugura um primeiro circuito de satisfação, circunscrevendo uma pulsão parcial em torno de uma zona erógena oral.

Dando ênfase à afirmação de Freud sobre a tendência do desejo a se realizar, re-estabelecendo, segundo as leis do processo primário, os signos ligados à experiência de satisfação na alucinação do seio ou na experiência do sonho, tentamos pensar o desejo no campo da imanência e da alteridade e não em relação a falta ou ao recalque de uma experiência mítica fundadora, perspectiva que nos leva a valorar igualmente os conceitos freudianos de pulsão sexual parcial e zona erógena.

Ao formularem o inconsciente produtivo como resultantes de heterocomposições, as pulsões parciais são repensadas no Anti-Édipo como peças de máquinas desejanter (Orlandi, 1995, p.160), impulsões nas quais não há uma evolução que as faria progredir para um todo de integração, assim como não há totalidade primitiva da qual derivaria. A leitura da esquizoanálise potencializa a radicalidade do conceito de pulsão sexual parcial como imersão das pulsões em multiplicidades substantivas :

As máquinas desejanter só são atingidas a partir de um certo limiar de dispersão que não deixa subsistir nem sua identidade imaginária, nem sua unidade estrutural (essas instâncias são ainda da ordem da interpretação, isto é, da ordem do significado ou do significante). As

máquinas desejanter têm como peças os objetos parciais que definem a working machines, mas num estado de dispersão tal que uma peça não cessa de remeter a uma peça de uma máquina totalmente diferente. Não nos apressemos em introduzir um termo que seria como um falus estruturando o conjunto, unificando e totalizando (...). É aí que o desejo se vê preso numa armadilha, num conjunto molar unificado e identificado. Mas as máquinas desejanter vivem, ao contrário, sob o regime de dispersão dos elementos moleculares (Deleuze e Guattari, 1976, p.409).

Tentamos indicar nesse breve percurso que o novo plano conceitual proposto no Anti-Édipo não pode fazer a economia da formulação freudiana da pulsão. A proposta de agenciamento pulsão / máquina desejanter, aprofundada em outro trabalho, tem como objetivo destacar um campo teórico na psicanálise que tenta pensar a subjetivação na imanência da pulsão, em contraponto a uma outra perspectiva que, ao privilegiar a representação inconsciente, concebe o psiquismo como um aparato de captura e inscrição da força pulsional na representação e na linguagem.

Ao privilegiarmos o conceito de pulsão, visamos pensar o psiquismo inconsciente como um aparato pulsional que se constitui em uma rede de afetação pelo outro, de modo a conceber os destinos da subjetivação fora do determinismo da constelação representacional fálico-edípica. Como afirma Bruno: “Retomar o registro pulsional e metapsicológico é ser freudiano contra Lacan, ou contra um certo Freud recriado pelos álibis das pastorais psicanalíticas” (2005, p.137-38).

Corpo erógeno / Corpo sem órgãos

Segundo Orlandi (2002) é com Espinoza e Nietzsche que o corpo adquire espessura conceitual no campo filosófico: o corpo como a grande razão, a potência de afetação dos corpos. Advindo o corpo como questão que se impõe ao pensamento, destacam-se duas linhas de indagação sobre o corpo na contemporaneidade: 1) o corpo em meio a saberes e poderes (Foucault) – trata-se de perguntar o que estamos fazendo de nós mesmos, em meio à rede de saberes e poderes que nos constituem; 2) o corpo sem órgãos (Deleuze e Guattari). O corpo sem órgãos for-

mulado por Artaud é conectado no Anti- Édipo a uma pragmática do desejo, contínuo circuito de intensidades que marca a estranheza do plano de imanência do corpo sem órgãos em relação ao corpo orgânico. Por que não incluir o corpo erógeno entre as linhas de indagação sobre o corpo na contemporaneidade?

O descentramento do sujeito da razão operado pela psicanálise, ao deslocar o sujeito da consciência para o inconsciente, realiza-se em torno da interrogação sobre o corpo da histeria que desafia o corpo anatômico da ciência e questiona a dicotomia corpo / espírito da tradição filosófica. Revelando uma economia subjetiva corpórea, o corpo erógeno da histeria aponta, na cena inaugural da psicanálise, para uma subjetivação no registro da intensidade pulsional.

A psicanálise se inaugura associando, de maneira complexa mas constante, a descoberta do inconsciente à descoberta do corpo erógeno, os sintomas histéricos se expressam no corpo, cujo estatuto resta precisar. A expressão aparelho psíquico é ambígua, pois este aparelho é um aparelho material que visa o prazer, e é preferível não falar de corporal ou psíquico para sublinhar a formulação freudiana que nunca se modificou: a sensação de prazer corresponde a uma descarga energética e motora (David Ménard, 1983, p.9)

No Anti-Édipo, Deleuze e Guattari vão valorizar a formulação de corpo erógeno:

É nesse sentido que Serge Leclaire chamava corpo erógeno não a um organismo despedaçado, mas a uma emissão de singularidades pré-individuais, uma pura multiplicidade dispersa e anárquica, sem unidade nem totalidade (...) Se batermos indefinidamente no mesmo conjunto de puras singularidades, podemos pensar que nos aproximamos da singularidade do desejo do sujeito (...). Sua dispersão não tem nada a ver com uma falta e constitui seu modo de presença na multiplicidade que formam sem unificação nem totalização (Deleuze e Guattari, 1976, p. 411).

Se não consideramos a estreita relação inconsciente / corpo erógeno, corremos o risco de limitar a contribuição da psicanálise, seja reduzindo este conceito ao corpo biológico, ou colocando, como Lacan, que não há autonomia do pulsional em relação ao modo de constituição de um sujeito falante no lugar do

Outro, operação pela qual a pulsão é subsumida ao campo representacional, deixando de fora a dimensão da força pulsional e do afeto (David-Menard, 1983).

Reportando-se à definição de Freud da crise de histeria em 1909 como “fantasias traduzidas em linguagem motora, projetadas sobre a motilidade e figuradas como pantomina”, David-Ménard sublinha que a experiência plástica do gozo na histeria remeteria à dimensão da presentificação (*darstellung*), em oposição à da representação (*vorstellung*), referida à lingüística estrutural na qual a representação inconsciente está ligada a uma depuração do afeto pela linguagem. A partir da noção de atualidade da pulsão, a crise da histeria configura-se, para a autora, não como representação do desejo inconsciente e sim como atualização do erotismo no corpo. Nessa atualização, coexiste a dimensão da motricidade e de um prazer presentificado.

A singularidade maior da psicanálise residiria na tentativa de pensar, pelo viés da histeria, uma subjetivação fora da dicotomia corpo-espírito, ser e pensamento, problematizando essa articulação de maneira inovadora. No entanto, o discurso psicanalítico acabou privilegiando a interpretação da histeria como teatro da representação inconsciente recalcada.

Em que medida, para se desvencilhar de um plano do corpo ainda contaminado pela imagem e representação, foi necessário a Deleuze e Guattari no Anti-Édipo tomar uma linha de fuga em relação ao corpo erógeno da histeria, privilegiando a formulação do *corpo sem órgãos* de Artaud, para pensar o corpo intensivo? Talvez não seja por acaso que somente num texto bem posterior, Deleuze apresente uma ressonância entre o corpo sem órgãos e o corpo da histeria.

Em *Lógica da sensação* (1984) no capítulo intitulado “Histeria”, Deleuze associa o corpo sem órgãos de Artaud ao corpo da histeria: “Há muitas aproximações ambíguas na vida, do corpo sem órgãos, o álcool, a droga, a esquizofrenia (...) mas a realidade viva deste corpo podemos nomeá-la de histeria e em que sentido?” (op. cit., p.34).

Uma onda de amplitude variável percorre o corpo sem órgãos, traçando limiares e níveis segundo as variações de sua amplitude. Ao encontro da onda e das forças exteriores, uma sensação aparece. Um órgão será assim determinado por este encontro, mas um órgão provisório que só

permanece durante a passagem dessa onda e a ação dessa força e que vai se deslocar para outro lugar. Os órgãos perdem assim qualquer constância no que concerne à sua localização ou sua função, os órgãos sexuais aparecem em toda parte. Com efeito, ao corpo sem órgão não faltam órgãos, o que lhe falta é o organismo, isto é, essa organização de órgãos. O corpo sem órgãos se define, então, por um órgão indeterminado, enquanto o organismo se define por órgãos determinados (...) O que é boca em um nível de encontro da força com o corpo pode se tornar ânus. Assim, se compõe uma série: sem órgão – órgão indeterminado polivalente – órgãos temporários e transitórios (ibidem, p.34-5).

Deleuze vem então afirmar que esta série completa é a realidade do corpo histérico. Basta reportar ao quadro da histeria que se forma no século XIX – as célebres contraturas e paralisias, as hiperestesias, os fenômenos de precipitação sempre alternantes e migrantes seguindo os efeitos da passagem da onda nervosa segundo as zonas que ela investe (ibidem, p. 35).

O silêncio sobre o fato de que é o discurso freudiano que ousa cartografar esse corpo / máquina desejante que causava frisson nas apresentações de Charcot, soa aos nossos ouvidos como uma provocação, que nos convida a agenciar a definição de Deleuze do corpo sem órgãos da histeria como “uma série: sem órgão – órgão indeterminado polivalente – órgãos temporários e transitórios” com as formulações de Freud em 1893 nos Estudos comparativos entre as paralisias orgânicas e histéricas: “Eu afirmo que a lesão das paralisias histéricas é totalmente independente da anatomia dos sistemas nervosos, posto que a histeria se comporta nessas paralisias como se a anatomia não existisse ou como se ela a desconhecesse” (Freud, 1984, p. 55). “O sintoma histérico remete a uma outra realidade do corpo, expressando uma realidade intensiva: o braço paralisado não remete a uma lesão funcional, sendo expressão de um valor afetivo que lhe é conferido” (ibidem, p.57).

Freud vem assim revelar as cartografias inéditas, singulares que a histeria modula em seu corpo, segundo as ondas de intensidade e de afeto que o atravessam. A plasticidade do corpo erógeno da histeria apresenta-se assim como uma contundente afirmação da potência polimorfa do corpo sem órgãos que se alia às forças de desfiguração para desestabilizar as figuras e identidades fixas.

A clínica como cartografia das paisagens

A cartografia, diferentemente do mapa – representação de um todo estático – é um desenho que acompanha os movimentos de transformação da paisagem. A cartografia das paisagens psico-sociais se faz ao mesmo tempo em que se opera o desmanche de certos mundos, entre sua perda de sentido e a formação de outros mundos que se criam (Rolnik 1989, p. 15).

Segundo Rolnik, a clínica como cartografia nasce com a psicanálise, a prática de análise do desejo fundada por Freud é um espaço de iniciação ao exercício do pensamento como produção de cartografias. A força e a originalidade de Freud é ter introduzido no Ocidente moderno uma prática de iniciação a um pensamento que emerge do movimento invisível dos afetos e que tem por função dar língua a esses mesmo afetos, apontando para um pensamento que não pode ser transmitido, e sim exercido no campo da prática clínica (ibidem, p.77-8).

A psicanálise emerge de um acontecimento, o encontro de Freud com a histeria, constituindo-se como um discurso que tenta acolher e dar sentido à crise da histeria – teatro de um corpo em transe que coloca em cena uma subjetivação em convulsão –, sendo tarefa de Freud dar língua para esses afetos que pedem passagem.

Pretendemos apresentar a crise histórica na paisagem do fim do século XIX, início do século XX, como expressão maior de uma crise de subjetivação que aponta para o desmanche de um certo mundo e a formação de outros mundos que se criam, em relação aos quais os universos vigentes se tornam obsoletos. E parece-nos relevante que o discurso de subversão do sujeito da razão se inaugure precisamente em torno de uma interrogação sobre a histeria.

A crise histórica assinala uma dupla dimensão do sintoma: de um lado, expressão do mal-estar do sujeito na cultura da razão, na sua condição de mulher, principal vítima da moral sexual civilizada; de outro lado, a dimensão criadora da crise histórica enquanto implosão de uma velha paisagem e explosão de uma subjetivação que pede passagem. Nas palavras de Breton, a histeria, beleza convulsiva, meio supremo de expressão da arte enquanto subversão do ideal iluminista da cultura da razão e segundo Swain (1986), o corpo da histeria como teatro de transformação do pensamento.

O grande mérito de Freud foi o de se colocar à altura desse acontecimento. Ao não temer a intensidade desse encontro com a histeria, “franqueia ao pensamento o acesso ao corpo vibrátil e à micropolítica das desterritorializações que só esse corpo capta” (Rolnik, 1989, p.77), o corpo intensivo da histeria sendo sua maior expressão nessa paisagem.

A obra freudiana apresenta-se como um texto aberto que gira sempre em torno da clínica, pela qual podemos segui-lo em sua árdua tarefa de mapear um terreno desconhecido. Traçando uma cartografia que se faz acompanhando os movimentos de transformação da paisagem, Freud não recua diante do que é estranho, por não estar previamente mapeado, produzindo cartografias provisórias a partir da experiência de situações pelas quais ele se deixa afetar.

Em seus passos iniciais percorrendo a paisagem da histeria, Freud formula uma primeira clínica que privilegia a dimensão econômica do afeto. O sintoma histérico seria a expressão de um afeto excessivo produzido por um acontecimento traumático que, não tendo sido descarregado, instala-se como um corpo estranho no psiquismo. O dispositivo clínico se configura como um espaço que, ao propiciar o relato do incidente desencadeador pela palavra acompanhada de afeto, provoca o desaparecimento do sintoma. Nos dizeres de Anna O., a cura pela palavra realizava uma limpeza da chaminé.

Uma clínica de transferência de afeto instaura um dispositivo que privilegia a emergência de vários planos de afetação, permitindo que um afeto retido se descarregue por uma fala acompanhada de uma intensa emoção, a partir de uma relação no presente com um outro. Nessa perspectiva, podemos pensar a clínica em termos de um campo de forças ou de um agenciamento de fluxos que possibilita a produção de novos destinos e sentidos para o afeto.

Nesse momento inaugural da psicanálise, os relatos de Freud e Breuer deixam entrever uma estreita ligação entre o sintoma histérico e as condições sociais das pacientes, revelando que não dissociavam os processos de subjetivação do contexto histórico que os produziam.

No caso Dora, não nos encontramos diante de Freud cartógrafo de paisagens desconhecidas, mas face ao Freud intérprete que percorre a paisagem com mapas já previamente determinados. Freud privilegia na clínica a decifração e interpretação do sintoma histérico como expressão do complexo edípico da relação de

Dora com o pai. Se o analista se atém à necessidade de aplicar o mapa à experiência ou ao território, tudo que diferir daquele tende a ser rejeitado ou sequer percebido (Aragon, 2003). Diante da interrupção do tratamento por Dora, Freud vai reconhecer que o analista-intérprete descuidou-se da relação de forças em jogo na transferência, subestimando a importância do vínculo afetivo materno.

É a partir de impasses da clínica que Freud vai, em 1920, privilegiar o registro econômico do excesso pulsional, ao constatar a repetição de situações dolorosas no processo de análise e nos sonhos traumáticos que não seriam da ordem de experiências de prazer que teriam sido recalçadas pela censura do ego, e sim da ordem de um excesso traumático, o que aponta para a existência de processos inconscientes que se dão na intensidade pulsional, e que não estão capturados pela rede de representação.

A clínica como empreendimento de saúde

Tomando de empréstimo algumas formulações de Deleuze em “A literatura e a vida” (1997), parece-nos que Freud, esse médico-escritor, “não goza de uma saúde de ferro, mas de uma frágil saúde irresistível que provem do fato de ter ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe, contudo, devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis”.

“Se a literatura é delírio e seu fim último é por em evidência no delírio a criação de uma saúde, isto é, uma possibilidade de vida”. Tal como o escritor, “médico de si próprio e do mundo”, Freud cria um novo texto, a psicanálise, a partir da escuta dos “delírios” das histéricas e de sua própria experiência de loucura relatados na correspondência com Fliess, oferecendo um devir criativo à neurose.

Embora remeta sempre a agentes singulares, a literatura é um agenciamento coletivo de enunciação (...) de uma raça bastarda e oprimida”. Em que medida esse texto, a psicanálise, não se apresenta com um agenciamento coletivo de enunciação de um povo bastardo, a histeria “que não para de agitar-se sob as dominações,

de resistir a tudo que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura.

Nos “Estudos sobre a Histeria” podemos constatar a importância das formulações das pacientes histéricas na tessitura do texto psicanalítico, dentre as quais destacam-se os termos criados por Anna O., “*talking cure*”, “*ramonage de cheminée*”. E, como relata Freud, é a formulação de uma outra paciente, Emmy Von N., que abriria o caminho da associação livre pois, resistindo a seu pedido de concentrar-se na lembrança do incidente traumático, ela lhe diz em um tom zangado: “deixe-me falar o que me vem a cabeça”.

A clínica como política de resistência da vida

Freud, com a prática da psicanálise, conquista um espaço para o exercício de um pensar em conexão com o corpo vibrátil no cotidiano do homem ocidental, e a partir dessa conquista, o mal-estar da desterritorialização passa a poder ser vivido como lugar de invenção, e não necessariamente de carência, depressão e culpa. Esse espaço conquistado pode se abrir para a processualidade de elaboração de cartografias e de constituição de territórios, enfrentando os impasses de sentido pela criação de linhas de fuga, que possibilitam novas saídas (Rolnik, 1998, p.78).

Freud nos deixa o legado do psicanalista cartógrafo, e seria de se esperar que encontrássemos analistas sensíveis à paisagem contemporânea. Mas, para tanto se faz necessário considerar o texto freudiano não como uma teoria universal do sujeito e sim como uma cartografia dos processos de subjetivação na passagem do século XIX ao XX. Como observa Pelbart (1995), se a paisagem do século XX não pode ser pensada sem levar em conta a psicanálise, esta se revela cada dia mais impensável, se não receber os influxos da paisagem contemporânea.

Ouve-se com frequência, por parte de muitos colegas analistas, uma queixa insistente sobre os pacientes atuais que não sonham, não associam, não se deixam analisar. Em vez de lamentar que não se produzem mais histéricas como antigamente, talvez fosse importante resgatar a radicalidade de Freud ao dar crédito ao sintoma histórico e, mais do que contrapor os sintomas contemporâneos aos sintomas históricos, sublinhar a potência subversiva do sintoma histórico enquanto

enunciador do mal-estar do sujeito da modernidade. Se atualmente fala-se tanto dos novos sintomas como *acting out* que se passam no corpo, nunca é demais lembrar que o sintoma histérico apontava para uma economia subjetiva corpórea.

O que o psicanalista cartógrafo da atualidade toma a Freud não é necessariamente seu repertório, nem tampouco seus procedimentos, o que toma a Freud é sua escuta de cartógrafo (Rolnik, 1998, p. 79).

Exímio cartógrafo da modernidade que foi Freud, o processo de subjetivação encontra-se em sua teoria estreitamente articulado à cultura e ao social. No entanto, a teoria do desejo formulada em termos de renúncia da pulsão em nome da lei, como mostra Foucault, está vinculada à hipótese repressiva do poder, subsistindo assim na psicanálise a concepção de uma subjetividade determinada por uma ordem simbólica referida a mitos universais fundadores do sujeito e da cultura.

A articulação natureza / cultura, apesar do avanço do conceito de pulsão, ainda se insere dentro do contexto de uma dicotomia natureza / cultura e de uma aposta na supremacia da cultura sobre a natureza. Assim, é inegável a contribuição de Foucault ao formular os processos de subjetivação como produções resultantes de jogos de força entre saber / poder / sexo, bem como a formulação de Deleuze e Guattari das máquinas desejanças, agenciamento maquínico de fluxos da natureza, do desejo, da cultura da economia, da política.

Na crítica ao desejo atrelado ao Édipo e à castração, que estaria cassando a possibilidade de relacionamentos maquínicos do desejo com um devir outro que aquele determinado pelo seu discurso, esses autores realizam uma defesa ética e estética do inconsciente, um sistema aberto que quer sempre mais conexões. Para Deleuze e Guattari não há eclosão do desejo que não coloque em cheque as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos, produzindo fluxos de inconsciente no campo social.

O grande mérito do Anti-Édipo é apresentar um campo social imediatamente percorrido pelo desejo, seu produto historicamente determinado, e uma libido imanente às forças produtivas e às relações de produção, contrapondo-se assim a uma tendência majoritária no pensamento marxista e freudiano de separar o campo das lutas sociais e o domínio das produções desejanças, que esvazia não apenas a produção social de seu conteúdo afetivo e desejança, como também distancia o desejo de suas implicações históricas e políticas (Peixoto Júnior, 2004, p. 2).

Como sublinha Peixoto Júnior, esse tipo de procedimento conduz a um duplo desdobramento de cunho conservador: a impossibilidade de pensar as mudanças sociais a não ser a partir de uma lógica da consciência ou dos interesses racionais estruturados, e a incapacidade de ver a produção desejante invadindo e recriando toda a superfície do corpo social. Ambas acabam por resultar numa fixação do desejo a territórios excessivamente restritos, dentre os quais, destaca-se o da família (*idem*).

Foucault (1976) vem apontar, na passagem do século XVII ao XVIII, a emergência do biopoder, uma modalidade do exercício do poder sobre a vida. Se o poder soberano “fazia morrer e deixava viver”, o biopoder “faz viver e deixa morrer”. Este fazer-viver, característico do biopoder, reveste-se de duas formas principais: o adestramento e disciplina dos indivíduos e a biopolítica, a qual privilegia a gestão da vida pelo controle da população.

Mas Foucault já tinha claro que aquilo que o poder investia – a vida – seria o que doravante ancoraria as formas de resistência, numa reversão inevitável. Nesse sentido, consideramos a crise histórica como expressão singular dos efeitos da política de adestramento dos corpos e da sexualidade emergentes nesse contexto em sua dupla vertente, a de uma subjetivação capturada pelo biopoder e a de expressão de resistência, da potência política da vida

Negri e Hardt vão tentar inverter o sentido pejorativo do biopoder e da biopolítica como o poder sobre a vida com o objetivo de sublinhar a biopotência como potência política da vida. Se a vida foi tomada pelo biopoder, ela se torna uma força política contra o sistema que visa o seu controle (Pelbart, 2003, p. 82-5).

Diante das estratégias de controle da vida pelo capitalismo mundial integrado, no qual o valor supremo do mercado impõe um processo totalitário de inclusão que incita a consumir formas de viver, ver e sentir, ao mesmo tempo excluindo massas inteiras, torna-se fundamental, para Negri e Hardt, a afirmação de estratégias de fortalecimento da biopolítica como criação de novas formas de vida e de produção social de subjetividade. Trata-se de encontrar as forças subjetivas coletivas da inovação política, cavar a partir do ponto mais baixo, onde as pessoas sofrem, onde são mais exploradas, para buscar o que aí resiste (Negri, *apud* Pelbart, 2000, p. 42).

Se o poder sobre a vida atingiu uma dimensão nunca vista anteriormente, a clínica enquanto empreendimento de saúde pode configurar-se como uma das formas políticas de resistência da vida, não dissociando sua prática das demais esferas da experiência coletiva. Oferecendo-se como um espaço que possa acolher as novas expressões de sofrimento face aos processos homogeneizadores da cultura, possibilita a emergência de sentidos que possam liberar e reinvestir os desejos que foram capturados pelos dispositivos do biopoder.

Escutar o sintoma como produção de modos de subjetivação, implica conceber a prática e a clínica como espaço político de acolhimento e gestação de subjetividades que pedem passagem, ouvindo a narrativa do paciente não apenas como uma enunciação individual, mas como um modo singular de dizer uma história que é necessariamente coletiva. Através do pai, da mãe, do professor, da televisão, é a sociedade inteira que se exprime, as relações de produção e as relações domésticas conjugais estando cada vez mais interligadas, os desejos mais singulares, os sintomas mais íntimos em conexão direta com as questões sociais mais amplas (Guattari, *apud* Baremlitt, 1986, p. 41).

Colocando-se na escuta das reinvenções de subjetividades que estão se produzindo na cultura e que reverberam na clínica, das quais destacamos as metamorfoses dos corpos, as novas formas de conjugalidade e parentesco, a clínica psicanalítica pode se constituir como um dos dispositivos de uma micropolítica de resistência da vida, mobilizando, nos dizeres de Rolnik, a força de invenção e de resistência do corpo vibrátil

A clínica pode então ser pensada “como espaço de afirmação da alegria enquanto potência de vida, a experiência terapêutica como um dispositivo que permite ao sujeito em meio ao mar revolto de caos e dor, o resgate e a criação de suas potências de vida e de morte (De Almeida, 2003, p. 5). “A ação clínico-política como opção ética e estética de re-orientação de fluxos que sustentam o viver, permitindo criar casa própria a partir de um ressoar com o coletivo” (Aragon, 2003, p. 113 e 118).

REFERÊNCIAS

- Aragon, L.E. *O Impensável na Clínica*. P rojeto de Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, São Paulo: PUC, 2004.
- Barembliit, G. *Grupos; Teoria e Técnicas*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- Birman, J. *Por uma estilística da existência*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- Bruno, M. *Lacan e Deleuze. O Trágico em duas faces do Além do Princípio do Prazer*. Rio de Janeiro: Forense, 2005.
- da COSTA, r.; GONDAR, j. “Vídeo-entrevista com Felix Guattari”. In: Moura, Arthur Hipólito de (org.) *As pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995.
- David-Ménard M. *L’hystérique entre Freud et Lacan; corps et langage en psychanalyse*. Paris: Editions Universitaires, 1983.
- DE ALMEIDA, b.V. *Da Alegria: uma Clínica*. P rojeto de Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, São Paulo, PUC, 2004.
- Deleuze, g. *Francis Bacon. Logique de la sensation*. Paris: Editions de la Diff é rence, 1984.
- _____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- Deleuze, g.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.
- Foucault, M. “Qu’est-ce qu’un auteur?”. In: *Dits et Écrits*, Paris: Gallimard, 2001.
- _____. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro, 2004.
- Freud, S. “Esquisse d’une Psychologie Cientifique”. In: *Naissance de la Psychanalyse*. Paris: PUF, 1895/1979.
- _____. “Études comparatives de paralysies motrices organiques et hystériques”. In: *Resultats, Idées, Problèmes*, I. Paris: PUF, 1893/1984.
- _____. *Trois Essais sur la théorie sexuelle*. Paris: Gallimard, 1905/1987.
- _____. “Au-delà du Principe du Plaisir”. In: *Essais de Psychanalyse*. Paris: Payot, 1920/1983.
- GIACÓIA Júnior, O. “O conceito de pulsão em Nietzsche”.
- Neri, r. Anti-Édipo/Psicanálise: um debate atual. *Agora. Estudo em Teoria Psicanalítica*, v. VI, n. 1, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003.
- ORLANDI, L.B.L. “Pulsão e campo problemático”. In: Moura, Arthur Hipólito de (org.). *As pulsões*. São Paulo, Escuta, 1995.
- _____. *Corporidades em Mini-Desfile* (mimeo), 2002.
- Peixoto JR., C.A. “Sobre o corpo social com espaço de resistência e reinvenção subjetiva”. *Revista Lugar Comum*, n. 21. Rio de Janeiro: Rede Universidade Nômade, 2005.
- PELBART, P.P. *A vertigem por um fio*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SWAIN, g. “A alma, a mulher, o sexo e o corpo. As metamorfoses da histeria no fim do século XIX”. In: BIRMAN, J.; NICÉIAS, C. A. (orgs.). *Teoria da prática psicanalítica*. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

Regina Neri é psicanalista, Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ e Professora do Mestrado de Direito da UCAM. Autora de artigos sobre psicanálise e cultura e co-autora do livro *Feminilidades*, coletânea organizada por Joel Birman (Editora Contra Capa, 2002).

108 **A clínica
como política
de resistência da vida**
Regina Neri

RESUMO

Diante do capitalismo globalizado, máquina de captura e controle de subjetivações, deveríamos encontrar as forças subjetivas coletivas de inovação política: cavar a partir do ponto mais baixo, onde as pessoas sofrem, onde são mais exploradas, para buscar o que aí resiste. Em que medida o dispositivo teórico clínico da psicanálise pode se constituir como um dos pólos de resistência desejante aos processos de homogeneização e exclusão predominantes hoje na cultura? Apostando na fecundidade da interlocução crítica da obra de Foucault, Guattari e Deleuze com a psicanálise, pretendemos retomar esse debate, menos em termos de oposição e mais em termos de uma interlocução que, potencializando novos devires para a teoria e a prática psicanalítica, possa conduzir ao fortalecimento de redes de micropolíticas de resistência da vida.

Palavras-Chave: Anti-Édipo, Psicanálise, Clínica, Política

ABSTRACT

In face of the global capitalism, a machine of capture and control of subjectivations, we should find the collective subjective forces for political innovation: digging in the shallowest point, there where people suffer, where they are most exploited, to find what resists in there. In what extent the psychoanalytical dispositive can constitute itself as one pole of desiring resistance against the homogenizing and excluding processes today prevailing in our culture? Following the critic and fecund interlocution between Foucault, Guattari and Deleuze with psychoanalysis, we intend to catch up this debate in terms of a dialogue which, potentializing new becomings to the psychoanalytic theory and practice can lead to the strenghtening of micropolitical networks of resistance.

Key-words: Anti-Oedipus, Psychoanalysis, Clinic, Politics